Em missão de guerra: os filmes Rambo na era Reagan e a emergência da nova Guerra Fria

Rodrigo Candido da Silva[1]

Resumo: Durante a década de 1980, os EUA viveu um período de ascensão de um projeto conservador, que aos poucos se tornava hegemônico nos campos político, social, econômico e cultural. Seu ápice se deu no período do governo de Ronald Reagan (1981 – 1989). O cinema, assim como outros meios de comunicação, também se tornou um campo de expressão desses discursos. O presente trabalho tem como objetivo realizar um panorama sobre como os célebres filmes da trilogia Rambo se enquadram nesse contexto. Observando como as representações contidas nesse conjunto fílmico podem ser utilizadas para constatarmos como os ideais hegemônicos de uma década se manifestam e se vinculam às produções cinematográficas, com o intuito de difundir essas idéias; promovendo, assim, um impacto social que transcende os limites do entretenimento.

Palavras-chave: Rambo, Reagan, cinema

Abstract: During the 1980s, the United States live a period, in which there was a rise of a conservative project, that little by little became hegemonic in the political, social, economic and cultural fields. Its peak occurred during Ronald Reagan's government (1981 - 1989). The cinema, like other media also became a field to express these discourses. This work aims to achieve an overview about the way that the films of Rambo's famous trilogy present this context, observing how the representations contained in these series can be used to notice the hegemonic ideals of a decade and the way they are revealed and linked to film productions, in order to disseminate these ideas, promoting, therefore, a social impact that transcends the entertainment limits.

Keywords: Rambo, Reagan, cinema

Em fins da década de 1970, os EUA viviam um período de crise que perpassava os campos político, econômico e social. A então recente e desastrosa retirada das tropas no Vietnã, o recuo diplomático do governo Carter, a crise do petróleo e das finanças (em parte relacionada à guerra), e o agudo problema com os veteranos de guerra; foram, entre outros, fatores chaves para o momento de desânimo nacional vivido pelos estadunidenses nesse contexto.

No campo econômico os EUA perdiam terreno para países Europeus e o Japão. Grande parte do crescimento desses países se baseava em uma política de financiamentos realizados pelos EUA. A imersão do país na Guerra do Vietnã, com grandes gastos militares,

[1] Mestrando do Programa de Pós Graduação em História - Universidade Estadual de Maringá

promoveu a saturação desse sistema de financiamento, que gerou uma desvalorização do dólar.

Podemos dizer que, de certa forma, os estadunidenses passavam por um momento de desconfiança e insegurança quanto às respostas que o país dava aos problemas e, principalmente, de como o país não fazia valer sua posição de potência frente às forças internacionais. Um desânimo que via na administração Carter o afastamento das demonstrações de imponência do país que teria por missão levar o seu conceito de democracia, liberdade e prosperidade à todos os cantos do mundo.

O caminho escolhido para a saída dessa situação não tardaria a aparecer. No entanto esse caminho traria em seu bojo, além da retomada do entusiasmo nacional e do retorno dos EUA como o líder ocidental incontestável nas relações diplomáticas, a volta de velhas políticas belicistas, corridas armamentistas, o retorno das disputas da Guerra Fria e a defesa de intervenções militares internacionais.

Essa guinada viria por meio de uma ascensão de forças conservadoras. Elas haviam recuperado o fôlego após o enfraquecimento sofrido com as lutas sociais internas de fins da década de 1960 e durante a década de 1970. Questões como o Vietnã e o escândalo do Watergate, que culminou na renuncia de Richard Nixon, contribuíram demasiadamente para a perda de terreno dos conservadores no campo político e social - isso não significa um desaparecimento de forças conservadoras, ao contrário, elas continuaram existindo e atuando, mas com certa cautela.

Já em 1978, os Republicanos e setores conservadores do Partido Democrata ocupavam a maioria das cadeiras no congresso. Além disso, na Europa o conservadorismo já havia conquistado espaços, representado, principalmente, pela ascensão de Margareth Tatcher como primeira ministra da Inglaterra.

Nos EUA, a chamada “Nova Direita”, se institucionaliza e ganha força com a chegada de Ronald Reagan à Casa Branca, em 1981. Reagan se torna figura emblemática, não apenas da retomada conservadora e do empreendimento armamentista dos EUA. Mais do que isso, ele se torna o símbolo de uma mentalidade e de um ideário que teve grande repercussão em diversos campos de sociedade e se relacionou intimamente com o imaginário de boa parte dos estadunidenses na década de 1980.

A retomada de uma hegemonia conservadora nos EUA veio acompanhada pela retomada de um militarismo exacerbado e de políticas belicistas. A Nova Guerra Fria[2] e o retorno da corrida armamentista representam essa situação

A Nova Guerra Fria acabava com o período de trégua estabelecido pela détente, e assim reiniciava a corrida tecnológica pelo domínio no campo bélico. Para Paulo Fagundes Vizentini o objetivo era recuperar o prestígio e o domínio militar dos EUA, que ficaria em superioridade estratégica e forçar a URSS a aumentar seus gastos com armamentos, com o intuito de provocar um abalo na economia soviética. A percepção de que a URSS estava com sua economia prejudicada, foi fundamental no empreendimento estadunidense.

A ascensão da Nova Direita não esteve presente somente no campo da política interna e das relações internacionais; é importante lembrarmos que a hegemonia direitista também permeou o campo cultural nos EUA. E aqui cabe enfatizarmos para a presença dessas idéias no que diz respeito à mídia estadunidense, já que foi significativa a presença e a propagação de ideais conservadores nos meios de comunicação, como jornais, revistas, rádios, televisão e, no campo meio que direcionaremos o foco deste trabalho: o cinema hollywoodiano.

Este trabalho tem o objetivo central de analisar como as idéias conservadoras foram representadas no cinema, e propagadas através dos filmes para um grande público. Propomos demonstrar que cinema e política muitas vezes andam juntos, e em certos contextos falam a mesma língua e se complementam.

Para esse objetivo, selecionamos um conjunto de filmes que possui grande significado nesse contexto e que talvez, como aponta Kellner, seja uma das maiores representações do ideal Reaganista no cinema: a trilogia RAMBO.

Os filmes *Rambo: programado para matar* (First Blood, 1982), *Rambo II: a missão* (First Blood – Part II, 1985) e *Rambo III* (Rambo III, 1988) representaram um conjunto de idéias que encontraram eco na sociedade estadunidense na década de 1980, seguindo uma tendência no cinema que teve seu auge desde fins da década de 1970, os filmes abordam questões que estão intimamente associadas ao contexto ao qual nos referimos. Observamos Rambo, como um porta-voz do discurso conservador no cinema.

Ressaltamos que Rambo é um exemplo entre muitos filmes que podem ser analisados a partir desse viés. Outras produções que obtiveram muito sucesso nos EUA e em outras partes do mundo também carregam representações do contexto político da época, especificamente relacionados às bandeiras conservadoras difundidas na época. Filmes como

[2] Ou Segunda Guerra Fria, de acordo com Fred Halliday. HALLIDAY, Fred. *Génesis de La Segunda Guerra Fria*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

Ases Indomáveis (Top Gun, 1986), *Águias de Aço* (Iron Eagle, 1986) e *Poltergeist* (Poltergeist, 1982), também possuem elementos que os classificam nesses termos.

No entanto, aqui, centralizaremos nossa abordagem em torno da trilogia Rambo. Essa escolha se dá por diversos fatores. Rambo foi um dos maiores sucessos de bilheteria da indústria cinematográfica da década de 1980; além disso, deu origem à uma febre[3], manifestada por críticas e artigos nos principais jornais e revistas dos EUA, por uma série de produtos distribuídos no mercado com referencias ao filme ou até mesmo com a marca "Rambo" (vale lembrar os inúmeros brinquedos lançados no mundo todo, mesmo com a grande quantidade de seqüencias violentas que o filme possui), e acima de tudo com a influencia de Rambo no imaginário social da época, que transpôs os limites das telas.

Os filmes Rambo exercem até hoje uma forte influência no cinema hollywodiano, principalmente no gênero de ação. É comum identificarmos em filmes o formato do herói individual, guerreiro e patriota, o típico herói Reaganista. É comum vermos repetir o formato Rambo na estética fílmica.

Para Scott Forsyth[4], o cinema de ação se tornou, a partir da década de 1980, uma espécie de "metacategoria" na cultura cinematográfica, se alastrando para outros gêneros. Assim, os moldes do cinema de ação não está presente somente nos filmes de ação, mas também na comédia, no drama, no romance, entre outros nos quais é possível identificar a presença da estética do filme de ação, com "*narrativas simples y temas concisos – búsquedas, persecuciones, venganza, guerra-, caracterizaciones también simples y abundantes ocasiones para tomas arriesgadas, peleas, batallas y efectos de todo tipo y resoluciones claras"* (FORSYTH, 2005: 146).

Desse modo, encaramos a trilogia Rambo como um conjunto de filmes dos filmes que contribuíram para a instituição de um padrão nesses moldes.

É importante lembrar que para este trabalho, o que interessa é a correlação entre o filme e a Era Reagan, entre a ideologia conservadora da Nova Direita e suas representações no cinema e o impacto na sociedade; porém não podemos deixar de lado essas considerações sobre o gênero de ação, já que até hoje as representações contidas nesse tipo de filme possuem forte carga ideológica.

Além disso, queremos chamar a atenção para uma característica pela qual pautamos nosso trabalho, ou seja, buscamos analisar o cinema como um campo de expressão e

[3] Douglas Kellner chama isso de "Efeito Rambo"; KELLNER. Douglas. *A cultura da mídia* – estudos culturais: identidade política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, Edusc: 2001.

[4] FORSYTH, Scott. *Hollywood Recargado: El cine como mercancia imperial.* In PANITCH, Léo & LEYS, Colin. *EL Império Recargado.*Buenos Aires, Clacso Libros, 2005.

propagação de discursos, bem como um campo de lutas sociais e políticas, onde ideologias, interesses e abordagens distintas convivem e conflitam em busca de exercer certos papéis na sociedade. Neste caso específico, trabalhamos no intuito de observar como o cinema pode ser utilizado tanto para expressar um discurso hegemônico na sociedade, quanto para a própria difusão de determinadas idéias que visam atingir determinadas finalidades.

Com relação à trilogia Rambo, destacamos entre as questões presentes no filme o militarismo, a masculinização, o retorno ao Vietnã, o individualismo e o desprezo em relação ao outro, principalmente no que diz respeito à representação do estrangeiro, em especial vietnamitas, árabes e soviéticos. Ou seja, os filmes abordam questões presentes no debate político, cultural e social na sociedade estadunidense durante a Era Reagan, que tem relação com a narrativa, os discursos, a produção e o padrão estético da trilogia Rambo.

Consideramos a construção do personagem Rambo como imprescindível para figura emblemática das discussões acerca dos filmes. Douglas Kellner descreve o personagem Rambo como uma personificação de ideais da era Reagan, uma espécie de indivíduo conceitual na sociedade, visto por setores conservadores como um exemplo a ser seguido. Seria a incorporação de valores e projetos políticos no campo cultural. Além disso, cabe acrescentar que o personagem se tornou um dos mais célebres a clássicos em Hollywood. E inúmeras referencias a ele podem ser encontrada até hoje no cinema. Principalmente em filmes de guerra e de ação.

Uma das principais questões em torno de John Rambo está relacionada ao passado do personagem retratado no filme. Rambo é um ex-combatente da Guerra do Vietnã marginalizado pela sociedade em que vive. Levando em conta o problema de aceitação sofrido pelos veteranos do Vietnã nos EUA e o posicionamento do filme, como podemos situar a representação do ex-combatente no cinema?

Com a retirada estadunidense do Vietnã, os EUA passam a viver um trauma na sociedade. A guerra havia acabado, mas a fracasso da empreitada deixou profundas marcas. Um dos grandes problemas relacionados a essa questão diz respeito à marginalização do veterano de guerra em seu país. A figura do ex-combatente do Vietnã passou a ser vista com desconfiança por grande parte dos estadunidenses. A ele foi atribuída grande parte da culpa pelo fracasso. Para muitos a guerra não havia sido um erro, o problema se deu na forma de combater a guerra.

O próprio cinema apresenta alguns filmes de conteúdo crítico em relação à guerra do Vietnã, que no entanto, não criticam o ato da guerra em si, mas sim a forma como ela se desenvolve. Como é o caso de Apocalipse Now (*Apocalypse Now, 1979)*. No qual as críticas

são direcionadas às práticas da guerra e não a guerra em si. No entanto, essas críticas se aprofundaram durante a década de 1980, como filmes dirigidos por Oliver Stone, como Platoon (*Platoon, 1986)* e Nascido em Quatro de Julho (*Born in Gourth of July,* 1989).

No caso de Rambo, existe a tentativa de reconstruir a imagem do veterano. Visam chegar ao outro extremo da concepção acerca do veterano. De culpado pela derrota, desajustado, e problemático para a sociedade, o veterano se transforma em herói, em representante da nação que merece reconhecimento pela bravura na guerra. No primeiro filme – Rambo: Programado para Matar (*First Blood)* o personagem busca esse reconhecimento perante a sociedade estadunidense. A figura do Coronel Trautman como uma figura sábia e com capacidade de compreender a angústia de John Rambo representa o prestígio que o filme reivindica para os participantes da guerra.

No segundo e no terceiro filme o heroísmo do personagem principal é representado de forma escancarada. Rambo passa a assumir a postura de um herói nacional legitimamente patriota. É a idéia de que a guerra não acabou e de que ainda é possível vencê-la, transformando assim o veterano, outrora transtornado, em herói da nação.

Concomitante à questão do veterano, o filme ainda aponta para a reconstrução da imagem da guerra. Durante o fim da década de 1970, o trauma do Vietnã, era representado em grande parte pelo silencio a respeito do tema. Porém com a ascensão de uma hegemonia conservadora, o debate em torno do Vietnã retorna com toda força na sociedade – e ao cinema, com filmes supracitados – , esse setor conservador, elaborou novas representações da guerra, tentando, muitas vezes construir uma versão vitoriosa dos acontecimentos.

No segundo filme da trilogia – Rambo II: a missão (*First Blood part II*) - Rambo retorna ao Vietnã para resgatar um combatente estadunidense que se tornou prisioneiro dos vietnamitas. Aqui o trabalho propõe chamar a atenção para dois fatores. O primeiro está relacionado com um mito surgido na década de 1980, segundo o qual, vários soldados dos EUA haviam ficado no Vietnã sob a condição de prisioneiros. No que diz respeito ao “mito do retorno ao Vietnã”, podemos elencar uma série de outros filmes de ação contemporâneos aos da trilogia Rambo, entre eles a seqüencia *Braddock* (*Missing in Action*), protagonizados por Chuck Norris (outra figura emblemática de filmes com abordagens conservadoras); e *Uncommon Valor* (*De volta Para o Inferno*), filme que por sinal foi dirigido por Ted Kotcheff possuiu o mesmo diretor Ra*mbo: programado para matar* (Firt Blood, 1982) primeiro filme da trilogia.

O segundo fator refere-se ao estereótipo do inimigo retratado pelo cinema, um recurso utilizado no cinema desde o início da Guerra Fria para descrever os comunistas como pessoas

diabólicas. O terceiro filme da trilogia Rambo (Rambo III) repete essa formula os inimigos soviéticos e os afegãos. É interessante destacar que durante o período Reagan iniciava-se uma nova definição no quadro dos inimigos a serem combatidos pelos EUA. Entre eles está o fundamentalismo islâmico, representado pelos países árabes no Oriente Médio.

Outro ponto a ser lembrado é a questão da exacerbada masculinização enfatizada pelos filmes. Isso tem uma correspondência com uma realidade cultural da Era Reagan, na qual existe uma tentativa de reafirmação do orgulho masculino, em detrimento de movimentos feministas das décadas anteriores.

Nesse contexto, temos um fator fundamental nas representações da Nova Direita nos EUA: o individualismo. Durante a Era Reagan, políticas de cunho neoliberal foram implementadas e defendidas pelos conservadores e difundidas nos meios de comunicação. Nesse conjunto de valores difundidos, a idéia da força individual em detrimento da força coletiva teve grande preponderância. Na trilogia Rambo, essa idéia está presente. O valor da força individual do combatente é destacado. Em todos os filmes John Rambo luta sozinho contra um grande número de inimigos, seja ele o estado – como no caso do primeiro filme –, ou ameaças externas.

Para finalizar é preciso destacar a questão da militarização e o belicismo explícito na trilogia. Conforme já abordamos, durante a década de 1980 o governo Reagan retomou a corrida armamentista, aumentando os gastos militares e com a busca de novas tecnologias para garantir a supremacia militar dos EUA. A trilogia Rambo demonstra sintonia com essas políticas, pois na medida em que cultua através das imagens a utilização de armamentos tecnológicos, ela legitima essas políticas frente a sociedade.

Destacamos que esse artigo não pretende esgotar todas as questões a serem analisadas e nem a argumentação acerca das questões apontadas. Ao contrário, o objetivo do trabalho é justamente levantar uma possibilidade, propor um tema que possa ser aprofundado em outros trabalhos. O intuito aqui presente é o de realizar um rápido levantamento de questões a serem pormenorizadas.

Além disso, chamamos a atenção para a possibilidade de se ampliar o conhecimento histórico a partir de estudos sobre a cultura da mídia. Propomos que voltemos nossos olhos para o entretenimento e a indústria que o produz, como forma de compreendemos os valores difundidos e compartilhados pela sociedade. Isso vale tanto para a compreensão de contextos anteriores, como para a análise de nossa realidade.

É fundamental que a utilização da fonte fílmica – prática cada vez mais utilizada no campo acadêmico – possa se tornar uma atividade comum não somente para historiadores que

fazem uso dela como fonte principal, mas para diversas áreas, já que o cinema é parte integrante da cultura e também da política em nossa sociedade.

Por fim destacamos que como a trilogia Rambo, uma enorme gama de filmes também podem ser analisados levando em conta a relação do cinema com a política; não apenas em suas representações, mas também no que diz respeito à sua produção, já que os filmes podem ser considerados produtos em um mercado milionário e que por isso e por outros motivos está sujeito a interesses das produtoras, dos envolvidos na produção e inclusive do governo.

No caso de Rambo essa relação aparece de forma clara em alguns momentos e subentendida em outros. Porém, demonstra como o cinema pode ser considerado um campo de lutas por interesses distintos e por aspirações variadas. Rambo traz consigo o triunfo de uma ideologia hegemônica. Porém é possível encontrar dentro desse amplo campo filmes que desafiam essa hegemonia e filmes que reúnem elementos distintos e as vezes discordantes; não somente na Era Reagan, mas em distintos contextos históricos. Cabe ao historiador voltar seus olhos para a utilização do filme em distintas áreas de estudo para constatar essa variedade.

Bibliografia

ARBÉX JUNIOR, José. *Guerra Fria*: terror de estado, política e cultura. São Paulo: Moderna, 1997.

ALLEN, R; GOMERY, D. *Teoria e práctica de la história del cine*. Barcelona, Paidos, 1995.

ALEGRE, Sergio. Películas de ficción y relato histórico. *História, Antropologia e Fuentes Orales*: Voz e Imagen, Barcelona, n.18, 1997.

AUMOND, Jacques (org). *A estética do filme*. Campinas: Papirus Editora, 2002.

COMBAT, Flavio Alves. *Hegemonia e contradições no cenário financeiro internacional*: as conseqüências da Guerra do Vietnã (1965-1975) e da Guerra do Iraque (2003-em curso) para sustentação do Dólar como moeda central do sistema internacional. Dissertação de Mestrado. Orientador: Sidnei Munhoz, UFRJ.

FERREIRA, Jorge; SOARES, Mariza de C. (org.). *A História vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FORSYTH, Scott. *Hollywood Recargado: El cine como mercancia imperial.* In PANITCH, Léo & LEYS, Colin. *EL Império Recargado.*Buenos Aires, Clacso Libros, 2005.

HALLIDAY, Fred. *Génesis de La Segunda Guerra Fria*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos:* o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KELLNER. Douglas. *A cultura da mídia* – estudos culturais: identidade política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, Edusc: 2001.

LAGNY, Michele. *Cine e História*: Problemas y métodos em la incestigación cinematográfica. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997.

NAPOLITANO, M. *A História depois do papel*. In: PINKS, Carla. (org). Fontes Históricas. São Paulo, Contexto, 2005.

NAZÁRIO, Luiz. *Pós-Modernismo e Cinema. In:* BARBOSA, Ana Mae. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SKLAR, Robert. *História Social do Cinema Americano*. São Paulo: Cultrix, 1978.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *História e Imagem*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1998.

SORLIN, Pierre. *Sociologia del Cine*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1985.

SPINI, Ana Paula. *Ritos de Sangue em Hollywood; mito da guerra e identidade nacional norte-americana.* Tese de Doutorado, orientadora: Cecília Azevedo, UFF, 2005.

VALIM, A. B & MUNHOZ, Sidnei J. Velhos Demônios, novos debates: reflexões sobre Hollywood e a política Norte-Americana ou como o ódio é permitido desde que se odeiem as pessoas certas. In: *Transit Circle Revista Brasileira de Estudos Americanos*, Rio de Janeiro, v. 3, p.30-59: 2004.

VALIM, A. B. *Imagens Vigiadas*: Uma História Social do cinema no alvorecer da Guerra Fria. Tese de Doutorado, orientadora: Ana Maria Mauad. UFF, 2006.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. A Guerra Fria: o desafio socialista à ordem americana. Porto Alegre, Leitura XXI: 2004.